

Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h

Favor não transportar este impresso no Shabat, após o Shabat, estará à sua disposição

Moshê ensina mais *mitsvot*

Moshê continuou a ensinar as *mitsvot* que se aplicam à época em que o povo judeu vive em *Êrets Yisrael*. Nestas, incluem-se mandamentos a respeito da agropecuária e cuidado com animais; sobre vestuário, vida familiar e comportamento comunitário.

Moshê também repetiu algumas *mitsvot* que não eram novas, a fim de explicá-las mais ampla e profundamente. Por exemplo: um judeu não pode vestir *shaatnez* (uma mistura de lã e linho); deve atar *tsitsit* a uma vestimenta de quatro cantos; e não pode utilizar pesos e medidas adulterados. Explicaremos agora as novas *mitsvot*, porém, revisaremos somente algumas das aprendidas anteriormente.

Um soldado judeu quer casar-se com uma cativa não-judia (*Yefat Toar*)

Antigamente, os não-judeus costumavam enviar as filhas maravilhosamente vestidas aos campos de batalha, esperando distrair o inimigo.

Durante uma guerra, o exército judaico pode capturar inimigos e os manter como reféns. O que acontece se um soldado judeu vê uma mulher cativa e deseja se casar com ela?

Hashem disse: "Se Eu proibir os judeus de se casarem com não-júdiás cativas, alguns soldados podem não conseguir derrotar seu *yétser hará* (mau instinto). Eles pecarão, de qualquer maneira. Portanto, permitirei isto; contudo, eles devem observar leis especiais, bastante difíceis. Assim, talvez o soldado mude de idéia."

Quais são estas leis? As leis de *yefat toar* aplicam-se apenas sob a liderança de um rei judeu; atualmente, elas não se aplicam.

1. Quando o soldado judeu levar a *yefat toar*, a cativa de guerra, à sua casa, ela deve raspar todo o seu cabelo. Por que *Hashem* ordenou isto? Talvez o soldado tenha se sentido atraído pela mulher por causa de seu lindo cabelo. Ele poderia não querê-la mais depois de ela o raspar.

2. Ela deve deixar as unhas crescerem, para que tenham uma aparência horrível.

3. Ela deve despir-se de suas belas vestimentas.

O soldado agora olharia para ela e se perguntaria: "Como pude sequer pensar em casar-me com ela, em vez de com uma mulher judia? Ela não é tão bela quanto pensei. Estava errado em querê-la!"

Ele talvez a deixe ir, agora.

Contudo, se ainda a quiser como esposa, ela permanece em sua casa por um mês. Ela deve se preparar para ser uma *guiyoret* (convertida). Somente após a conversão um judeu poderia casar-se com ela.

Durante esse mês, ela deve prantear seus pais, os quais está deixando. O soldado a vê chorando e infeliz. Isto pode fazê-lo pensar: "Preciso realmente desta não-judia? Afinal, talvez seja melhor não me casar com ela!"

Este mês ajuda a mulher a adaptar-se ao novo ambiente. O choro e lamento pela separação de seus pais e povo ajudam-na a consolar-se, e começa a acostumar-se ao futuro marido e lar. Ela também ganha tempo para dissociar-se dos ídolos que costumava servir. Desta forma, está se preparando para a conversão.

Se o soldado ainda a quiser, e ela concordar em tornar-se judia, o *Bet Din* (tribunal) a torna *guiyoret* após um mês. Ela deve agora observar todas as *mitsvot*, e é tratada como qualquer mulher judia.

No passado, era permitido a um homem ter mais de uma esposa. Se esse soldado já tem uma esposa judia, a cativa torna-se sua segunda esposa. A *Torá*, através de uma alusão, adverte que ele provavelmente odiará a *yefat toar*, a cativa de guerra.

Como sabemos disto? Porque o próximo assunto do qual a *Torá* fala é sobre um marido que tem duas esposas e odeia uma delas. Quando o soldado viu a *yefat toar* pela primeira vez, ficou cego por sua beleza. Não levou em conta se ela seria ou não uma esposa adequada para si. Uma vez casado, começou a pensar: "Como pude querer essa moça? Ela não é tão fina, delicada e educada como uma esposa judia deve ser!" Ele se lamenta e se arrepende de ter se casado com ela, até que, finalmente, começa a odiá-la.

Se isso acontecer, ele poderia pensar: "Farei dela uma escrava! Ou talvez a venda como escrava!" Mas a *Torá* o proíbe de agir assim: "Você a tomou por esposa, agora, deve tratá-la bem!"

A *Torá* sanciona o casamento com a *yefat toar* apenas de maneira relutante. Nossos Sábios observam que um casamento baseado principalmente nos atributos externos do cônjuge, ou sobre "paixão," é passível de originar discórdia e, talvez, terminar em dissolução.

A herança do primogênito

Um homem pode ter duas esposas e não gostar de uma delas. O que acontece se seu filho primogênito é da esposa da qual ele não gosta? O pai pode não querer legar-lhe seu duplo quinhão de primogênito. Em vez disso, pode querer dar a porção dupla ao filho de sua esposa favorita. A *Torá* proíbe isso. Um pai não pode negar ao primogênito a parte da herança que lhe cabe.

Porque esta lei aparece na *Torá* após o tema da *yefat toar*? A *Torá* indica que mesmo que o judeu possa odiar a *yefat toar*, ele deve tratar o primogênito que ela porventura lhe der de maneira justa e equânime.

A seguir, a *Torá* explica as leis do filho rebelde, indicando que a *yefat toar* poderá dar à luz um filho assim.

O filho rebelde (*Ben Sorer Umorê*)

O que é o "*ben sorer umorê*"?

Um rapaz se torna *bar mitsvá*, e nos três meses seguintes, rouba dinheiro de seu pai. Com esse dinheiro, compra carne e vinho. Ele passa o tempo com pessoas de má índole, e na presença delas, devora carne semicrua, enfiando-a goela abaixo, e traga o vinho sofregamente.

Duas pessoas testemunharam seus atos. Tentaram dissuadi-lo de comportar-se de forma tão rude e grosseira. Se o rapaz não se corrigir, os pais podem levá-lo a um *Bet Din* de três juízes, e contar-lhes o que aconteceu.

Os juízes ordenam que o jovem seja açoitado (*malcot*), para melhorar seu comportamento. Todavia, o jovem reincide em seus erros. Rouba novamente, empanturra-se de carne e embriaga-se de vinho, de maneira indecente, na frente de seus amigos.

Seus pais agora o levam à presença de um *Bet Din* de vinte e três juízes. Se determinadas condições forem preenchidas, o rapaz é condenado à morte. Ele é chamado de "*ben sorer umorê*".

Será que esse jovem merece morrer, só porque roubou dinheiro e empanturrou-se de carne?

Hashem disse: "É verdade, até agora ele é culpado apenas de pequenos delitos. Porém se ele continuar a viver, talvez se torne um ladrão e assassino! É melhor que morra jovem, do que cometa pecados mais graves."

Alguma vez um jovem judeu foi condenado à morte por ser *ben sorer umorê*?

A resposta é: Não! Jamais foram preenchidas todas as condições necessárias. Por exemplo: o rapaz não pode ser condenado à morte se roubou dinheiro de outra pessoa, que não seu pai. Tampouco pode ser sentenciado à morte se não ingerir a comida da maneira como nossos Sábios chamam de "repugnante". Além disso, se o rapaz ainda não tem idade de *bar mitsvá*, ou se já decorreram três ou mais meses desde seu *bar mitsvá*, as leis de *ben sorer umorê* não são aplicáveis.

Se esse caso realmente nunca aconteceu, por que *Hashem* pôs esse assunto na *Torá*? *Hashem* queria que estudássemos estas leis por dois motivos. O primeiro é para sermos recompensados por as termos estudado. E o segundo é para que aprendamos uma lição. Por exemplo:

Os pais podem preferir ser lenientes com a desobediência e gula de uma criança. Podem considerar sua má conduta como relativamente inócua. A *Torá*, contudo, proclama: "Não tolere seu comportamento! Não o declare inocente! É necessário intervir!"

Esse problema, assim, ensina aos pais a obrigação de educar seus filhos no caminho da *Torá* e *mitsvot*, e a repreendê-los; e também inculcar neles os elevados e virtuosos valores judaicos.

Quando jovens, os filhos não gostam dessas restrições; um dia serão gratos aos pais. Por isso, foram ensinados a seguir o caminho certo, serem judeus com vidas pautadas pela *Torá*; disciplinados, atenciosos e prestativos.

Foram educados para aproveitar a vida. Uma criança mimada e egoísta se transformará num adulto infeliz.

Porém uma criança que se transforma num adulto realizado decide: "Educarei meus filhos da mesma maneira!"

O Rei Shelomô admoesta (*Mishlê*, 1:8): "*Shemá bení mussar avícha, veal titosh torat imechá / Ouça, meu filho, os conselhos de teu pai, e não te afastes dos ensinamentos de tua mãe.*"

Enterrar um morto no dia da execução

A *Torá* adverte um tribunal judaico: "Quando enforcam um criminoso após apedrejá-lo, nunca deixem o corpo pendurado durante a noite, pois isso degradaria o Nome do Todo Poderoso."

De que maneira o nome de D'us é degradado ao se deixar um corpo judeu pendendo por muito tempo?

Uma vez que os judeus são filhos de D'us, a visão de um corpo judeu pendurado no cadafalso reflete de maneira negativa, por assim dizer, em *Hashem*, Ele Próprio. Tomemos o caso do irmão gêmeo do rei, que é ladrão e foi enforcado. Como se parece com o rei, a visão do corpo pendurado é uma desgraça para o rei.

A *Torá* também menciona que ficar pendurado prolongadamente "impurifica a Terra". A santidade de *Êrets Yisrael* não consegue suportar um corpo deixado sem ser enterrado. Ademais, à noite, feras selvagens podem arrancar membros e órgãos do corpo, e deixar cair partes desse no chão. Isto impurifica a Terra.

Na prática, o tribunal judaico enforca um criminoso logo antes do pôr-do-sol, e depois do pôr-do-sol tiram-no da forca e enterram-no.

É *mitsvá* enterrar um judeu no dia do falecimento (salvo se a postergação causará maior honra para o falecido em seu funeral). Se não há ninguém para enterrar o corpo, é obrigação de todo judeu enterrá-lo (*met mitsvá*).

Devolvendo um objeto perdido (*Hashavat Avedá*)

Se alguém encontrar um objeto perdido, é *mitsvá* devolvê-lo ao proprietário. Contudo, se o objeto vale menos que uma *perutá* (aproximadamente cinco centavos de dólar), não é necessário devolvê-lo. Também não é preciso devolver algo que o dono não possa identificar.

Eis um exemplo: você encontra uma nota de R\$100,00 no chão. Todas as notas de R\$100,00 se parecem, e o dono, provavelmente, não a reconheceria. Porém, o dinheiro é seu. Se o dinheiro, porém, estiver dentro de uma carteira, deve-se guardar a carteira com o dinheiro, até que o dono a reclame. Antes de devolvê-la, pede-se que o dono descreva a carteira. Se a descrição for correta, esta deve ser devolvida.

Colocam-se avisos pela vizinhança, notificando o fato de ter encontrado uma carteira. Não se pode usar a carteira, mesmo se o dono nunca a reclamar.

A *mitsvá* de devolver os objetos perdidos “aparece” em nossa vida com freqüência. É uma oportunidade de cumprir mais uma *mitsvá*!

Na época do *Bet Hamicdash*, havia um local fora de Yerushaláyim, para guardar objetos perdidos. Quem achasse um objeto, ia até lá anunciar; e os que perdessem algo, lá reclamavam suas perdas. Após a destruição do Templo, proclamas de achados e perdidos eram realizados nas sinagogas e *Batê Midrash* (Casas de Estudo).

Como nossos Sábios cumpriam esta *mitsvá*

Certa vez, *Rabi Shemuel bar Susserati* viajou a Roma. Lá, ouviu um servo real proclamar: “A rainha perdeu um bracelete precioso! Quem o encontrar dentro de trinta dias receberá uma recompensa de mil peças de ouro. Se o bracelete for encontrado em posse de alguém após os trinta dias, ele será morto!”

A rainha tinha certeza de que a recompensa em moedas de ouro seria um incentivo para que procurassem o bracelete. Esperava que em breve alguém o encontrasse e devolvesse.

Um belo dia, *Rabi Shemuel* estava andando na praia, quando viu algo brilhando na areia. O bracelete perdido!

Rabi Shemuel guardou o bracelete até que os trinta dias findassem. Só então ele o devolveu à rainha.

“Você sabe que há uma punição por devolver o bracelete após trinta dias?”

“Sim,” respondeu *Rabi Shemuel*.

“Por que, então, esperou tanto antes de devolver o bracelete?” perguntou ela.

“Queria mostrar a você,” explicou *Rabi Shemuel*, “que a razão de eu ter devolvido o bracelete não é porque a temo, mas porque temo a D'us!”

“Louvado seja o D'us dos judeus!” exclamou a rainha.

A *mitsvá* de *hashavat avedá* aplica-se apenas se o proprietário for judeu. Contudo, é de bom alvitre devolver um objeto perdido também a um não-judeu. Isto causa *Kidush Hashem* (santificação do nome de D'us).

Nossos Sábios nos contam também acerca da extraordinária maneira como *Rabi Pinechás ben Yair* cumpria essa *mitsvá*. Certa vez, dois judeus deixaram com ele duas medidas de grãos de trigo. *Rabi Pinechás* semeou-os, e depois armazenou a colheita em seus silos. Sete anos depois, os dois judeus retornaram. *Rabi Pinechás* mostrou-lhes um armazém repleto de grãos e disse-lhes: “Tudo isto é de vocês!”

Rabi Pinechás ben Yair era um grande *tsadic*. Ele fez mais do que a *mitsvá* requeria. Teria sido suficiente se ele simplesmente guardasse o trigo. Ou, se o trigo estivesse começando a se estragar, ele poderia ter vendido o trigo e entregue o dinheiro aos proprietários.

A *mitsvá* de ajudar um judeu a carregar seu animal

Se uma pessoa está viajando por uma estrada, e percebe um companheiro judeu cujo animal arriou, devido à pesada carga em suas costas, não deve continuar a viagem, mas sim, parar e ajudar o proprietário a descarregar o fardo que está sobre o animal.

Também é uma *mitsvá* ajudar um judeu a carregar seu animal.

O que acontece se o dono do animal disser: “Por favor, coloque a carga sobre o animal para mim,” mas não quiser ajudar? Não somos obrigados a fazer todo o trabalho sozinho. Porém, se ele se recusar a ajudar a descarregar, precisamos fazer esta tarefa sozinhos. Já que o animal está sentindo desconforto e sofrendo, devemos fazer de tudo para evitar *tsaar baalê chayim*, causar sofrimento a um ser vivo. Neste caso, contudo, pode-se exigir pagamento por este trabalho. A *Torá* quer que colaboremos com o judeu que precisa de auxílio.

Um homem não pode vestir trajes de mulher, e vice-versa

Um homem judeu não pode vestir trajes ou jóias normalmente utilizados por mulheres, e uma mulher não pode usar roupas masculinas.

“Lo yihyê kéli guever al ishá, velo yilbash guever simlat ishá / Não haverá traje de homem na mulher, e não usará o homem vestimenta de mulher.” (Ki Tetsê, 22:5)

A *Torá* quer que respeitemos e preservemos a distinção que D'us criou entre os sexos.

A proibição impede um homem de vestir-se como mulher a fim de misturar-se com mulheres, e vice-versa, evitando, assim, imoralidade e promiscuidade, abominadas por *Hashem*.

Tradicionalmente, armas são consideradas artigos masculinos; portanto, mulheres são proibidas de carregá-las. (Mesmo sem carregarem armas, a *Torá* proíbe mulheres no exército, pois esta mistura leva à devassidão.)

Na época dos Juízes, o general canaanita Sistrá oprimia cruelmente os judeus, tanto física quanto emocionalmente – este último com seus insultos, escárnios e blasfêmias.

Barac e Devorá convocaram e organizaram um exército com a finalidade de livrar-se do jugo canaanita. Apesar de Sistrá liderar uma força tremenda e bem equipada, D'us auxiliou os judeus. Enviou confusão entre os soldados de Sistrá, e fez com que, miraculosamente, suas armaduras se tornassem insuportavelmente quentes. Ao entrarem no Rio Kishon para se refrescarem, afogaram-se. Todos os soldados de Sistrá sucumbiram; ele, porém, escapara.

Fugindo a pé, chegou à tenda de Yael, membro da família de Yitrô, sogro de Moshê. Sistrá considerava-se seguro lá, pois as relações entre os canaanitas e a família de Yitrô eram pacíficas.

Yael, contudo, não hesitou em matar o perverso. Depois de fazê-lo ficar sonolento e adormecer por causa da bebida que lhe oferecera, pegou um martelo e uma estaca, cravando-a nas têmporas do general, matando-o.

Por que não o matou com uma arma?

O *Midrash* explica que ela queria evitar violar a proibição de uma mulher utilizar armas masculinas.

Afastar o pássaro-mãe do ninho

Se um judeu quiser pegar os ovos ou os filhotes de um ninho, ele deve, antes, afugentar a ave-mãe. Se a ave retornar, ele precisa afugentá-la novamente. Não é permitido pegar os ovos ou os filhotes do ninho enquanto a mãe ainda estiver lá.

Esta *mitsvá* se aplica apenas às aves selvagens *casher*. Se alguém cria patos ou galinhas em seu quintal, pode pegar os ovos.

A *Torá* não nos diz porque temos de afugentar a mãe do ninho. Uma explicação é que *Hashem* não quer que destruamos uma família inteira de pássaros de uma vez. Do mesmo modo, Ele proibiu-nos de abater a mãe e suas crias no mesmo dia. Estas *mitsvot* nos ensinam a sermos misericordiosos.

Outra explicação é que a mãe-pássaro fica muito triste ao ser separada de seu ninho. Chora de sofrimento, despertando a misericórdia de *Hashem*. Portanto, *Hashem* é misericordioso com todos que por Ele clamam.

Contudo, não precisamos de uma explicação para cumprirmos uma *mitsvá*. Ao realizar uma *mitsvá*, devemos pensar: “Fazemos a *mitsvá* porque *Hashem* a ordena!”

Qual a recompensa da *mitsvá* de afugentar a ave-mãe? A *Torá* promete: “Será bom para ti. Terás vida longa.”

Que outra *mitsvá* da *Torá* promete vida longa? A *mitsvá* de honrar os pais. É muito mais difícil cumprir a *mitsvá* de honrar os pais que a de afugentar a mãe do ninho. A *mitsvá* de honrar pai e mãe (*kibud av vaem*) demanda muito mais tempo e dedicação! Afugentar a mãe do ninho, em comparação, é bem mais simples. Não constitui grande esforço, e leva só alguns instantes.

Como a *Torá* pode prometer a mesma recompensa tanto para uma *mitsvá* difícil como para uma fácil?

A seguinte parábola nos ajudará a compreender:

Um rei possuía um lindo jardim, com diversas espécies de árvores, como laranjeiras, macieiras e pereiras. No jardim também cresciam plantas raras, e verduras fresquinhas. O rei contratou jardineiros para cuidarem do jardim. Cada jardineiro era responsável por uma planta.

Ao término de um mês, o rei mandou que todos os jardineiros se apresentassem, pois ele iria lhes pagar. O rei perguntou ao primeiro jardineiro: “De que planta você cuidou?”

“Da pimenteira,” respondeu o operário.

“Por isso, receberá uma moeda de ouro,” disse-lhe o rei. Satisfeito, o trabalhador recebeu seu salário e saiu.

“Você cuidou de que planta?” perguntou o rei ao próximo trabalhador.

“Cuidei das esplêndidas flores brancas,” replicou o jardineiro.

“Por isso, você receberá meia moeda de ouro,” disse o rei.

Ao questionar o terceiro jardineiro, este respondeu que cultivara a oliveira.

“A oliveira me é muito cara,” disse o rei. “Você receberá duzentas moedas.”

E desse modo, o rei pagou todos os jardineiros. Alguns receberam altos salários, outros bem menos. Não demorou muito para que os jardineiros começassem a discutir e brigar entre si.

“Sua Majestade,” reclamaram, “porque não nos disse o salário para cada planta antes que começássemos a trabalhar? Assim, poderíamos ter escolhido com quais plantas trabalharíamos!”

“É exatamente por isso que não lhes revelei seu salário de antemão,” sorriu o rei. “Preciso de todas as plantas deste jardim. Se eu tivesse lhes dito que o pagamento para determinadas plantas é menor, ninguém se daria ao trabalho de cultivá-las.”

Hashem quer que cumpramos tantas *mitsvot* quantas forem possível. Se Ele nos tivesse dito de antemão a recompensa para cada *mitsvá*, as pessoas se dedicariam mais para cumprir as *mitsvot* cuja recompensa é maior, e negligenciariam as de menor recompensa. Para nos mostrar que não devemos tentar calcular que *mitsvá* é mais “valiosa”, *Hashem* nos dá a conhecer que ambas as *mitsvot*, honrar os pais e afugentar a mãe do ninho, têm a mesma recompensa. Disto aprendemos que não podemos saber a recompensa de cada *mitsvá*. Isto nos ajuda de duas maneiras:

1. Cumpriremos igualmente todas as *mitsvot* .

2. Cumpriremos as *mitsvot leshêm shamáyim*, para fazer a vontade de *Hashem*, e não por termos alguma recompensa em mente.

Construir cercas em áreas perigosas (Maakê)

Moshê ordenou: “Se você mudar-se para uma casa com laje ou varanda que utilizará, você deve, imediatamente, construir uma forte cerca protetora que a circunde.”

A cerca deve ter no mínimo dez *tefachim* (80 cm) de altura.

D'us protege os *tsadikim* de qualquer infortúnio. Não obstante, temos de tomar precauções contra acidentes, pois D'us quer que ajamos de acordo com as leis da natureza, que Ele criou.

Também é proibido que alguém deixe largados em sua propriedade objetos perigosos ou que ofereçam riscos, tais como uma escada quebrada.

Esta *mitsvá* também se refere a qualquer situação perigosa, como piscinas ou escadas altas.

Se alguém ferir-se ou morrer porque um proprietário não tomou as devidas precauções, este é culpado pelo acidente; apesar de que nenhum acidente ocorre “por acaso”, ou seja, sem o consentimento Divino. Não obstante, somos advertidos para não sermos os agentes culpados de algum infortúnio.

Como nossos Sábios se preocupavam com a segurança

Certa vez, na cidade de Nahardaa, na Babilônia, havia um muro instável. Contudo, as pessoas passavam perto dele. Elas asseveravam umas às outras, dizendo: “Este muro está assim há treze anos, e nunca ocorreu nenhum acidente. Provavelmente, é seguro!”

Todavia, dois sábios, *Rav* e *Shemuel* recusavam-se a andar rente ao muro. “É perigoso,” diziam. Eles sempre se desviavam de seu caminho, para não passar perto do muro.

Um dia, *Rav Ahada bar Ahava*, um grande *tsadic*, visitou os sábios.

Os três saíram juntos, e chegaram perto do muro. *Shemuel* disse a *Rav*: “Vamos circundá-lo, como sempre.”

Rav replicou: “Desta vez não será necessário, pois *Rav Ahada* está conosco. Seu mérito é tão grande que tenho certeza de que nenhum mal nos sucederá.”

Rav Huna, estava preocupado com sua adega. As paredes estavam tão vacilantes que temia entrar na adega. Era uma pena desperdiçar tantos barris. Se as paredes ruíssem, esmagariam os barris, e o vinho se perderia.

“Como posso retirar o vinho em segurança?” perguntou-se *Rav Huna*. Então, teve uma idéia: “Sei que as paredes não tombarão enquanto o *tsadic Rav Ahada* lá permanecer. Vou chamá-lo.”

Rav Huna convidou *Rav Ahada* à sua casa. Eles discorreram sobre assuntos de *Torá*. *Rav Huna* e seu convidado entraram na adega, enquanto continuavam a falar de temas da *Torá*. *Rav Huna* fez sinal para que seus criados removessem os barris. Assim que a adega foi esvaziada, *Rav Huna* conduziu seu inocente amigo para fora.

Neste instante, as paredes ruíram! Quando *Rav Ahada* percebeu que fora usado para salvar o vinho de seu anfitrião, ficou aborrecido: “Você correu um grande risco,” reclamou para *Rav Huna*. “Não sou um *tsadic* perfeito. Poderíamos ambos ter sido soterrados sob os escombros! Ninguém pode colocar-se numa situação de perigo e então confiar num milagre que o salvará!”

Vemos dessa história que *Rav Huna* não se considerava um *tsadic* fora do comum. Era um homem muito humilde, a despeito de sua grandeza.

O *Talmud* nos conta muitas coisas maravilhosas sobre *Rav Huna*.

Em seus últimos anos, sempre que havia uma forte tempestade, costumava percorrer a cidade numa carruagem. Ele inspecionava todas as casas, para verificar quais eram seguras. Quando avistava uma parede cujas estruturas estavam abaladas, aconselhava o proprietário a reconstruí-la. Com freqüência, *Rav Huna* encontrava um pobre cuja choupana era frágil. O pobre dizia: “Não posso arcar com as despesas de uma reforma.” Neste caso, *Rav Huna* contribuía com seu próprio dinheiro para reconstruir a casa do pobre.

Não podemos semear outras espécies além de uvas num vinhedo

A *Torá* proíbe um judeu que possui um vinhedo em *Êrets Yisrael* de semear grãos ou outras plantas lá.

Os Sábios estendem a proibição a outros países e incluem não semear vegetais num vinhedo.

Diferentes espécies de animais não podem ser atrelados juntos à mesma canga

Continuando o tópico de não misturar espécies diferentes, a *Torá* proíbe atrelar duas espécies diferentes de animais numa mesma canga. A proibição aplica-se mesmo se não ararem, mas apenas puxarem carroça.

Se espécies diferentes suportarem uma canga em comum, sofrerão desconforto. Por exemplo, um boi mastiga e ruma seu feno, enquanto o burro não. Um burro atrelado ao mesmo jugo que um boi vê o boi comendo constantemente (por causa de sua regurgitação), enquanto ele tem de jejuar.

A *mitsvá* também impede o cruzamento entre espécies, que é proibida pela *Torá*. Fazendeiros costumam deixar animais que trabalham juntos no mesmo estábulo.

A *Torá* adverte: “Não arem com um boi – animal *casher* – junto com um burro – animal não-*casher*.”

Um pecado leva a outro, uma *mitsvá* acarreta outra (*Mitsvá goreret mitsvá*)

Como as *mitsvot* desta *Parashá* estão relacionadas umas às outras?

A *Parashá* começa com o tema da *yefat toar*. Se um judeu se casar com uma *yefat toar*, ele terá duas esposas. Elas discutirão, e o marido logo odiará uma delas. A *yefat toar* provavelmente dará à luz um filho rebelde.

O início da *Parashá* nos mostra como uma transgressão leva à outra.

Analogamente, *mitsvot* conduzem a mais *mitsvot*.

Se alguém cumpre a *mitsvá* de afugentar o pássaro-mãe de seu ninho, *Hashem* o recompensará com uma casa. Então, ele terá a chance de cumprir a *mitsvá* de construir uma cerca de proteção (*maakê*). Em decorrência disto, *Hashem* lhe dará campos, onde cumprirá a *mitsvá* de *kil'áyim* (não semear duas espécies diferentes juntas). *Hashem*, então, lhe concederá animais, com os quais cumprirá a *mitsvá* de não arar com dois animais diferentes atrelados juntos. Como recompensa, *Hashem* lhe dará roupas, e pode agora cumprir a *mitsvá* de *tsitsit*. E assim a lista continua.

Casamentos proibidos

Moshê continuou a explicar as leis sobre a vida familiar judaica. Geralmente, é permitido casar-se com um não-judeu, homem ou mulher, que se converteu ao Judaísmo e cumpre as *mitsvot*. Contudo, há exceções, como veremos na tabela abaixo.

<u>Nação</u>	<u>Guer / Convertido</u>	<u>Guiyoret / Convertida</u>
Amon	Proibido	Permitido
Moav	Proibido	Permitido
Edom	Permitido na 3a. geração	Permitido na 3a. geração
Egito	Permitido na 3a. geração	Permitido na 3a. geração

Expliquemos a tabela.

Convertidos de Amon e Moav

Moshê explicou: “Os amonitas e moabitas são descendentes de Lot, sobrinho de Avraham. Lot devia sua vida a Avraham. Avraham resgatou-o quando foi capturado pelos quatro reis que conquistaram Sedom. O mérito de Avraham também salvou Lot quando os perversos de Sedom foram destruídos.

“Amon e Moav deveriam ter sido bondosos com *Benê Yisrael*, pois devem a própria existência a Avraham.”

“Ao invés disso, foram cruéis. Quando *Benê Yisrael* aproximaram-se das terras de Amon e Moav, o povo não ofereceu pão e água a *Benê Yisrael*. Eles não sabiam que os judeus tinham o *man* e o poço de água de Miriam. Sabiam que *Benê Yisrael* estavam cansados e famintos, porém recusaram-se a oferecer hospitalidade. Moav chegou até a contratar o feiticeiro Bil'am para maldizer *Benê Yisrael*. Como tinham mau caráter, *Hashem* não queria que o povo judeu se casasse com eles.”

Mas por que é permitido que suas mulheres convertidas se casem com judeus?

As mulheres moabitas e amonitas não têm culpa de terem negado hospitalidade. Não seria um ato de recato as mulheres saírem para saudar estrangeiros com alimentos. Isto era obrigação dos homens, não das mulheres.

Outro motivo para *Hashem* proibir o casamento com amonitas e moabitas é porque, em Shitim, eles enviaram as filhas para que *Benê Yisrael* caíssem em tentação e pecassem. Isto é pior que atacar alguém fisicamente.

Convertidos de Edom

Convertidos de Edom, homens ou mulheres, podem casar-se com outros convertidos (de sua nação ou de uma outra diferente), mas não com um judeu de nascimento. Seus filhos também só poderão casar-se com convertidos. Mas seus netos, homens e mulheres, podem casar-se com judeus natos.

Por quê? Os edomitas são descendentes de Essav. São parentes próximos de *Benê Yisrael*, e têm o mérito de descender dos santos filhos de Avraham.

Por este motivo, *Hashem* releva o mal que fizeram a *Benê Yisrael*. Quando *Benê Yisrael* se aproximaram do país de Edom, os edomitas mobilizaram seus exércitos. Agiram belicosamente, pois foram ensinados por seus antepassados que Yaacov tomou a primogenitura de Essav.

A terceira geração de convertidos egípcios

Assim como os edomitas, os convertidos egípcios precisam aguardar até a terceira geração para casar-se com judeus natos. Transcorridas essas gerações, eles poderiam casar-se com *Benê Yisrael*.

Isto é surpreendente. Acaso os egípcios não escravizaram nosso povo? Porventura não causaram enorme sofrimento a *Benê Yisrael*? Por que lhes é permitido casarem conosco?

Quando Yaacov e sua família desceram ao Egito durante a fome, os egípcios convidaram-nos a ficar. No princípio, trataram bem os judeus. Por isso, *Hashem* permite que egípcios se casem com judeus.

O exército judeu é ordenado a ser santo

Conforme explicado na *Parashá* de *Shofetim*, D'us ordenou que o exército judeu fosse composto de *tsadikim*.

Além disso, Moshê causou impressão sobre os soldados: "*Hashem* fará com que a *Shechiná* (Presença Divina) paire sobre vocês e os salvará dos inimigos apenas se forem santos."

"Afastem-se de imoralidade, mesmo no que vêem e pensam; não usem linguagem de baixo calão, não falem nem ouçam *lashon hará* (maledicência)."

A *Torá* ordena aos soldados guardarem-se física e espiritualmente "de todas as coisas más".

Fisicamente, devem manter o acampamento limpo de todo e qualquer dejetos e designar um local fora do acampamento para realizarem as funções naturais. Espiritualmente, devem ficar alertas e em guarda contra qualquer espécie de transgressão.

Por que a ênfase especial sobre a santidade durante a guerra?

Perder a moral é muito comum no exército. A *Torá*, portanto, enfatiza a conduta apropriada.

O versículo explica: "*Hashem* (a Arca Sagrada na qual a *Shechiná* paira) anda em meio a seu acampamento. Se Ele vê comportamentos não recatados, Ele se afastará." D'us reside entre os soldados apenas se forem santos.

Não restituir um escravo ao dono se o escravo procurou refúgio em *Êrets Yisrael*

Se um escravo canaanita escapou de seu amo fora de *Êrets Yisrael* para buscar refúgio na Terra Santa, é proibido restituí-lo a seu dono. Em vez disso, deve ser libertado.

Pureza sexual

A *Torá* adverte as cortes de justiça instruindo-as a não permitir que uma mulher ou homem promíscuo que se fazem constantemente disponíveis para atividade sexual se exponham em público, indicando disponibilidade. É também seu dever impedir o estabelecimento e manutenção de locais onde ocorrem tais atividades. Esta passagem proíbe práticas que solapem a santidade do povo judeu e aplica-se a todas as épocas.

O proprietário deve deixar os trabalhadores se servirem da produção agrícola, durante o expediente

Se um proprietário de terras emprega trabalhadores no campo ou vinhedo, deve deixá-los comer livremente da produção, enquanto estão ocupados na colheita ou processamento.

Apesar dos trabalhadores agrícolas poderem comer à vontade durante as horas de serviço, não lhes é permitido levar quaisquer produtos para casa.

A permissão para o trabalhador se servir é uma bondade que *Hashem* demonstra aos trabalhadores. Aquele que lida com a produção agrícola o dia inteiro poderia sofrer se não lhe fosse permitido provar os produtos.

O *guet* (divórcio)

A *Torá* não exige que um casal que não se entende permaneça atado um ao outro até o fim de sua vida.

Mesmo assim, nossos Sábios, os mais humildes e pacientes dos homens, toleravam esposas geniosas e irritantes, como ilustram os casos a seguir:

A esposa de *Rav* causava-lhe constantes aborrecimentos. Quando ele lhe pedia que cozinhasse lentilhas, ela cozinhava ervilhas, e vice-versa.

Quando seu filho, *Chiyá*, cresceu e começou a levar mensagens do pai para a mãe, compreendeu que deveria invertê-las, para que seu pai recebesse o prato que realmente queria.

Rav comentou com o filho: "Tua mãe melhorou."

"Ela melhorou porque sempre lhe digo o contrário do que você pede," elucidou o garoto.

Apesar de admitir que foi uma ótima idéia, *Rav* proibiu o filho de continuar a trocar as instruções. "Ninguém deve acostumar-se a mentir," explicou.

Embora a esposa lhe causasse aborrecimentos, mesmo assim levava presentes a ela. E explicava: "Fiquemos satisfeitos por nossas esposas educarem nossos filhos, e nos salvarem de pensamentos pecaminosos."

Podemos ver quão importantes são a paciência e o autocontrole para manter a harmonia no lar (*shalom báyit*). Contudo, se um divórcio é inevitável, a *Torá* ordena um judeu a dar o *guet*, documento de divórcio, à esposa. Assim como um casamento judaico tem status legal somente se foram realizadas as cerimônias de *chupá* e *kidushin* (consagração), também um divórcio requer um *guet*, documento cujo texto exato envolve muitos detalhes. Qualquer discrepância nas exigências haláchicas no tocante às palavras ou ao estilo invalida o *guet*. Se um *guet* está haláchicamente inválido, a esposa "divorciada" continua a manter seu status de mulher casada. Casar-se com outro marido constitui adultério, e uma criança que nasça deste matrimônio é um *mamzer* (proibido de se casar com um judeu nato).

A fim de evitar danos irreparáveis para as futuras gerações, é de vital importância entrar em contato com um rabino ortodoxo perito em administrar um *guet* de acordo com a *Halachá*, para que o *guet* seja válido. Se o rabino não souber todo o procedimento do divórcio, deve indicar ao casal uma autoridade haláchica competente. Divórcios realizados por rabinos conservadores ou reformistas são inválidos de acordo com a lei da *Torá*, e causam tragédias irreparáveis.

O *guet* protege a santidade do casamento (similarmente ao *kidushin*, a cerimônia de casamento realizada em público e perante testemunhas). Os diversos detalhes haláchicos de como redigir um *guet* também impedem que o marido queira, num ímpeto, "divorciar-se" da esposa quando, digamos, ele estiver de mau humor.

Se um judeu se divorcia da esposa e esta se casa novamente, a *Torá* proíbe que seu primeiro marido se case de novo com ela, mesmo após a morte do segundo marido, ou se ela divorciou-se dele.

Esta proibição impede trocas previamente combinadas de esposas, sob o manto protetor da legalidade.

Nossos Sábios ensinam: "Sobre o marido que ama a esposa como a si mesmo, que a honra mais que a si mesmo, que dirige os filhos e filhas no caminho certo e que os casa cedo, o versículo declara (*Iyov* 5:24): 'E você saberá que sua tenda está em paz.'"

Leis sobre garantia para empréstimos (*Mashcon*)

Enumeramos algumas leis da *Torá* sobre garantias de empréstimos.

- Não se pode aceitar como garantia algo que o comodatário necessite para preparar seus alimentos; por exemplo: a mó que ele utiliza para moer a farinha.

Também não se pode confiscar do comodatário a faca de abate (*shechitá*), seu forno, ou qualquer outro objeto necessário para o preparo de refeições.

- Se você emprestar dinheiro a alguém e esquecer-se ou não se der ao trabalho de pedir uma garantia, não poderá exigí-la depois. Em vez disso, dirá ao *Bet Din* que emprestou dinheiro a alguém e quer uma garantia. O *Bet Din* enviará mensageiros que exigirão uma garantia. É proibido ao mensageiro entrar na casa do comodatário. Ele deve esperar do lado de fora até que o comodatário lhe traga a garantia.

- O que acontece se o comodatário for tão pobre que não possua nada valioso para usar como garantia? Ele pode dizer ao cedente: "Você pode reter minhas roupas como garantia." Se ele der seus pijamas, e não tiver outros, a *Torá* ordena que o cedente devolva os pijamas toda noite. Em seu lugar, o cedente pode reter as roupas diurnas do comodatário durante a noite. De manhã, o cedente pode pegar os pijamas novamente. Se o comodatário der as roupas que veste de dia ao cedente, este poderá retê-las apenas durante a noite, e é obrigado a devolvê-las todas as manhãs.

Ninguém pode aproveitar-se de um judeu, e fazê-lo sofrer porque deve dinheiro. A *Torá* nos inculca traços de caráter positivos.

- Se uma viúva pedir um empréstimo, não se pode pedir-lhe garantia.

A *Torá* compreende que a vida de uma viúva é difícil. Não devemos dificultar ainda mais, pedindo-lhe garantias.

Pagamento dos empregados no dia correto

A *Torá* já havia dito que não se pode atrasar o pagamento devido aos empregados (*Vayicrá* 19:13), mas aqui acrescenta mais advertências, de não fazê-lo aos pobres, que geralmente não têm quem os defenda e são mais vulneráveis à esse tipo de perseguição. Os Sábios estendem esse mandamento a empregados não-judeus, e a taxas de aluguel de animais e utensílios.

Os presentes da colheita aos pobres

Um judeu que possui um campo é obrigado a cumprir três *mitsvot* que beneficiam o pobre:

1. *Peá* – Separar a produção dos cantos do campo: A *Torá* não especifica a quantidade de *peá* que o proprietário deve deixar de ceifar para que os pobres a colham. Nossos Sábios ordenam que esse deve deixar pelo menos um sexagésimo da colheita.

O Todo Poderoso diz: "Quem já Me deu algo antes que Eu lhe tivesse dado?"

- Algum pai já realizou o *berit milá* antes que Eu o abençoasse com um filho?
- Alguém já afixou uma *mezuzá* em sua moradia antes que Eu lhe provesse uma?
- Quem já comprou um *lulav* antes que Eu lhe desse dinheiro?
- Alguém já separou *peá*, os cantos do campo, e Eu não lhe dei um campo primeiro?
- Alguém jamais separou *chalá* antes de receber a massa de Mim?
- Pode alguém cumprir a *mitsvá* de cercar um telhado exceto se Eu primeiro lhe der um telhado?
- Pode alguém doar um animal para sacrifício se Eu anteriormente não lhe der o animal?

Hashem declara: "O que quer que esteja sob os céus é Meu." (*Iyov* 41:3)

Assim, ao deixarmos a *peá* e outros presentes reconhecemos que *Hashem* é o verdadeiro Proprietário do campo que Ele nos deu. Respeitamos Seu desejo de partilharmos o campo com nossos irmãos menos afortunados.

2. *Lêket* – Abandonar uma ou duas espigas: Se o agricultor acidentalmente deixa cair uma ou duas espigas de grãos, não pode pegá-las. É obrigado a deixá-las no chão para os pobres colherem. Não obstante, se ele deixa cair três espigas ou mais ao mesmo tempo, pode pegá-las.

3. *Shichechá* – Não colher feixes esquecidos: Durante o trabalho da colheita, se um fazendeiro esquece um ou dois pequenos feixes (pesando não mais de cerca de oito quilos), deve deixá-los para trás, para os pobres.

Naomi e Ruth voltaram da terra de Moav como mendigas. Após estabelecerem-se na cidade natal de Naomi, Bet Lêchem, Ruth pediu permissão a Naomi para ir aos campos e recolher os presentes de *lêket*, *peá* e *shichechá*, aos quais os pobres têm direito. Assim, sustentaria a ambas.

A Providência levou Ruth ao campo de um rico parente, Boaz. Enquanto imersa em sua tarefa de colher, ficou à parte, por causa de sua conduta recatada e refinada.

Também ficou evidente que era bem versada nas leis da *Torá*, pois nunca pegava nada que não fosse destinado aos pobres. Por exemplo, nunca pegava três espigas que o coletor tivesse deixado cair simultaneamente, demonstrando assim conhecimento de que apenas duas espigas caídas constituem *lêket*, enquanto que três pertencem ao proprietário.

Quando Boaz inquiriu-o sobre a identidade dessa moça extraordinária, o encarregado dos agricultores replicou: "É uma moça de Moav, que converteu-se ao Judaísmo. É versada em *Torá*, pois a sogra ensinou-a."

Boaz dirigiu-se a Ruth com palavras de consolo, informando-a de que ouvira sobre seus feitos maravilhosos. Indicou-lhe, em espírito de profecia: "Apesar de atualmente você estar entre os pobres, se tornará ancestral de um rei judeu (David)."

Quando Ruth foi embora, Boaz instruiu o encarregado: "Não a envergonhe dando-lhe apenas a porção dos pobres. Dê-lhe quantas espigas quiser."

O homem retrucou: "Ela não aceitará nada a que não tenha direito."

"Se é assim," ordenou Boaz, "sempre que perceber espigas únicas, 'esqueça' de colhê-las, para que Ruth as colha como presente de *shichechá*."

Muitos de nossos Sábios agiam de maneira similar, com compaixão, para não envergonhar os pobres:

Ao passear, *Rabi* Yochanan deixava "cair" moedas, para que *Rabi* Shim'on bar Ba, que geralmente andava atrás dele, pudesse achá-las.

Rabi Chiyá Raba declarava as espigas em seu campo sem dono sempre que *Rabi* Shim'on ben Chalafta estivesse presente (fingindo que para ele, não tinham valor), de modo que *Rabi* Shim'on ben Chalafta pudesse pegá-las.

De acordo com a *Torá*, as leis dos presentes aos pobres aplicam-se apenas aos campos de *Êrets Yisrael*. Não obstante, os Sábios ordenaram que os países localizados perto de *Êrets Yisrael* também devem ser incluídos.

Os presentes dos vinhedos e olivais aos pobres

Alguém que possui um vinhedo é obrigado a separar quatro presentes aos pobres:

1. *Peá* – Uma porção da vindima: Assim como o proprietário de um campo deve separar uma faixa de terra sem colher a produção, o proprietário de vinhedos deve deixar uma porção da vindima para os pobres.
2. *Peret* – Uvas: Uma ou duas bagas de uvas que o agricultor deixou cair enquanto colhia a vindima devem ser deixadas para os pobres.
3. *Olelot* – Cachos não desenvolvidos: Cachos de uvas que não se desenvolveram plenamente não devem ser colhidos pelo proprietário.
4. *Shichechá* – Cachos esquecidos: Cachos esquecidos por acaso na vinha durante a vindima não podem ser recuperados mais tarde, mas devem ser deixados aos pobres.

O proprietário de um olival também deve dar aos pobres os presentes acima mencionados.

A mitsvá de yibum

Quando um homem morre sem ter deixado filhos, a *Torá* ordena que seu irmão case-se com a viúva. Isto se chama um casamento *yibum*.

Se deste matrimônio nascer um filho, é considerado filho do falecido irmão. A alma encontra descanso e consolo no Mundo Vindouro por causa do nascimento desta criança. Este filho herda a propriedade do falecido. Porém, se o irmão do falecido recusa-se a se casar com a viúva, eles devem dirigir-se ao *Bet Din* da cidade. A viúva deve descalçar os sapatos de seu cunhado perante os juízes. Ela cospe no chão, na frente do cunhado, e diz: "Isto é o que acontece com aquele que se nega a construir a família de seu irmão!"

É *mitsvá* que os presentes digam três vezes: "*Chaluts hanaal*" / "Aquele cujo sapato foi removido (pela cunhada)".

Esta cerimônia é a *chalitsá*. Após a *chalitsá*, os juízes escrevem um *guet chalitsá*, documento que declara que a mulher foi absolvida da obrigação de casar-se com o cunhado, podendo casar-se com qualquer outro judeu.

Atualmente, não se realizam mais casamentos através de *yibum*.

O irmão só poderia casar-se com a cunhada por causa do sincero desejo de cumprir o mandamento, e não por motivos financeiros ou sentimentais. Uma vez que pensamentos tão elevados são muito difíceis para todos, salvo pessoas de altíssimo nível, o casamento *yibum* foi abolido.

A proibição de possuir falsos pesos e medidas

A *Torá* exige que um judeu utilize pesos e medidas perfeitamente exatos e precisos.

Não somente é proibido gerir os negócios com pesos incorretos, mas também é proibido tê-los em casa.

Aquele que frauda e trapaceia com pesos ou medidas adulterados é odioso e abominável aos olhos de *Hashem*. "Você pode enganar seu próximo, mas não pode Me enganar. Assim como Eu sabia quem eram, na verdade, os primogênitos no Egito (inclusive os nascidos fora dos laços matrimoniais), também sei quem é desonesto com os pesos e medidas, e os punirei."

Hashem promete recompensar com abundância material aquele que é meticulosa e cuidadosamente honesto com os pesos e medidas das suas mercadorias.

Relembrando os atos perversos de Amalec

A *Torá* ordena: "Lembre-se do que Amalec fez a você logo após a saída do Egito!" *Hashem* dividiu o Mar Vermelho e afogou os egípcios. Todas as nações tremiam, apavoradas. Apenas Amalec ousou te atacar. Eles queriam mostrar que *Hashem* é fraco, e destruir Seu povo.

"E naqueles dias vocês estavam cansados de viajar." Os amalequitas atacaram secretamente, de surpresa, pela retaguarda, os judeus que andavam do lado de fora das Nuvens de Glória.

"Após estabelecer-se em *Êrets Yisrael*, o rei judeu deve destruir totalmente a nação de Amalec. Não deve poupar uma pessoa sequer."

Shaul, o primeiro rei de Israel, foi ordenado a guerrear e destruir todos os amalequitas. Ele venceu a guerra e matou todos os soldados amalequitas. Shaul tomou Agag, o rei amalequita, como prisioneiro. Agag implorou a Shaul que lhe poupasse a vida. "Tenha misericórdia! Porque devo ser destruído?" suplicou Agag a Shaul.

Shaul teve pena de Agag; deixou-o viver. Também não matou os animais dos amalequitas, como exige a *Torá*.

O erro de Shaul causou trágicos resultados. Para entender melhor, leia a história a seguir:

Um homem que viajava a *Êrets Yisrael* viu dois pássaros brigando. Ao final, um matou o outro. Apareceu um terceiro pássaro, com uma erva no bico. Este colocou a erva sobre o corpo do pássaro morto e algo espantoso aconteceu: o pássaro morto voltou à vida.

"Isto é incrível!" exclamou o homem. E correu, para apanhar a erva.

"Agora poderei ressuscitar os judeus mortos em *Êrets Yisrael*!" declarou alegremente.

O homem colocou a erva na mochila e continuou seu caminho. Depois, viu uma raposa morta num campo.

"Vejam se isto funciona," pensou, e colocou a erva sobre a raposa, que abriu os olhos e saiu andando!

O homem ficou maravilhado. Logo passou por um leão morto à beira da floresta. "Se a erva puder trazer um leão de volta à vida," pensou, "saberei que é realmente poderosa." Colocou a erva sobre o leão. Este levantou-se com um rugido tonitruante. Quando viu o homem, abriu a boca imediatamente, e devorou-o.

O Rei Shaul pensou que estava sendo bondoso poupando a vida de Agag. Qual foi o resultado? Agag teve um descendente, Haman, que tentou aniquilar todo o povo judeu de uma só vez!

É *mitsvá* ler os versículos do final desta *Parashá* uma vez por ano. Nós os lemos no *Shabat* que antecede *Purim*. Desta maneira, cumprimos o mandamento da *Torá* de lembrar o que Amalec fez a *Benê Yisrael*.

A história de *Purim* nos conta como Haman, o iníquo e perverso descendente de Amalec, quis destruir o povo judeu; mas *Hashem* os salvou. Na época de Mashiach, Amalec será completamente destruído.